

Neuropatia periférica associada ao uso de estatina em paciente idosa - relato de caso e revisão de literatura

ALVARO CESAR CATTANI, EVANDRO ZIGUER.

Hospital São Lucas Pato Branco pr BRASIL.

Fundamento - O uso de estatina tem aumentado progressivamente em pacientes idosos a partir de estudos que demonstram sua eficácia e segurança na prevenção primária e secundária de doenças cardiovasculares. Efeitos colaterais mais comumente descritos são mialgia (rabdomiólise) e alteração de função hepática. Estes provavelmente dose-dependente. Um efeito colateral que tem sido observado em frequência crescente devido ao uso aumentado de estatina é a neuropatia periférica.

Objetivo - Relatar um caso de Neuropatia Periférica em uma senhora de 84 anos; chamar a atenção para esse efeito colateral com consequências limitantes de longo prazo.

Método - Trata-se de uma senhora de 83 anos, branca, Hipertensa, Dislipidêmica, Coronariopata tendo sido submetida a angioplastia primária em setembro/2007 devido a IAM em parede anterior. Estava em uso de Sinvastatina na dose de 40 mg desde então. Antes do IAM fez uso de doses variáveis de estatina por períodos irregulares. Em março/2008 passou a apresentar, subitamente, parestesia progressiva de membros inferiores até nível das nádegas, com instabilidade postural (não se sustentava em pé). Feito tomografia de crânio e coluna lombossacra sem alterações significativas. Realizou Eletroneuromiografia que demonstrou Polineuropatia sensitivomotora.

Exames laboratoriais normais. Após afastar todas as causas prováveis, respondeu ao uso de Corticosteroide e suspensão do uso de Estatina. A paciente evoluiu com melhora progressiva do quadro, e após 6 meses, sob cuidados fisioterápicos, apresenta alteração motora discreta, já não necessitando de apoio.

Conclusão - Este efeito colateral raro, mas de aparecimento progressivo, deve ser lembrado em pacientes em uso de Estatinas e que desenvolvem quadro neurológico periférico sem causa aparente. Em revisão de trials a frequência é de 1 caso para 10.000 pacientes tratados. Os sintomas podem persistir por um período de 10 semanas a 1 ano após a retirada da droga. E, provavelmente, está relacionado ao uso prolongado da droga, nem tanto pela dose utilizada.